

O cão de caça do Príncipe Llewelyn

Tradução de Anderson Santos Travassos
anderson.travassos@gmail.com

Um dos maiores príncipes da história do País de Gales foi Llewelyn ab Iorwerth ab Owain, ou Llewelyn Fawr, que significa Llewelyn, o Grande. Poucos monarcas fizeram por merecer esse título, que Llewelyn compartilha com Alexandre da Macedônia, Carlos Magno dos francos e seu próprio antecessor, Rhodri Mawr. Llewelyn foi príncipe em uma época em que os príncipes do País de Gales eram galeses, não ingleses como são hoje.

Nosso príncipe vivia em um imenso castelo no coração dessa Terra da Música chamada País de Gales. As tropas lideradas por João Sem Terra, da Inglaterra, tentaram derrubar os muros do castelo de Llewelyn várias vezes, e falharam. O príncipe e suas tropas correram os ingleses até Offa's Dyke — o fosso que separa Gales do território saxão — expulsando-os com os rabos entre as pernas.

A esposa de Llewelyn Fawr era uma linda dama chamada Joana, filha do Rei João já mencionado anteriormente. A história de como ela se tornou esposa do príncipe do País de Gales fica para outro momento, por agora basta dizer que abdicou de sua nacionalidade e deu as costas a seu pai cruel, também conhecido como Espada-Frouxa, em alusão a sua falta de bravura em batalhas (ou talvez um apelido dado pelas mulheres por razões que não se deve expor aqui). O primeiro filho do casal, o futuro príncipe, um bebê de três meses, foi chamado de Dafydd.

Em tempos de paz, quando não estava caçando ingleses pelas colinas, Llewelyn gostava bastante de caçar. Quando podiam, ele e seus homens caçavam lobos e dragões. Mas os lobos não tinham muita carne no inverno e a carne dos dragões era dura e fibrosa; e a cada ano os dragões se tornavam mais raros. Por isso, Llewelyn e seus homens tinham de se contentar na maioria das vezes com coelhos e cervos. Quem sempre acompanhava o príncipe em suas caçadas

eram seus cães, Don, Juno, Seren, Morwen, Dylan e Gelert, seu cão favorito. Gelert era um cão gigante de raça irlandesa, especialmente treinado para caçar as maiores bestas da floresta, e que não se satisfazia com coelhos e cervos. O amigável e fiel Gelert havia salvado o príncipe em uma ocasião em que um javali selvagem enraivecido atacou o grupo de caça. O cão tomou a frente e agarrou o monstro pela garganta, estraçalhando sua traqueia e impedindo que abrisse as entranhas do príncipe com suas presas afiadas.

Quando a neve cobria as colinas com seu manto branco e macio e as pequenas criaturas peludas apenas deixavam suas tocas sob as árvores para cavocar aquela brancura e encontrar insetos, vermes grudentos ou qualquer coisa verde para comer; quando os lobos uivavam para a lua, competindo com o vento, e se tornavam cada vez mais audaciosos por causa da fome, Llewelyn, seus companheiros e seus cães gostavam de ir à floresta em busca de qualquer coisa que fosse macia e peluda, para matá-la e fazer um churrasco ou um belo casaco ou chapéu, dependendo do tamanho da criatura macia e peluda. Eventualmente, se estivesse alegre, o príncipe deixava os cães despedaçarem os restos.

Foi em um dia como esse, quando a neve cobria as colinas com seu manto macio e branco, etc., etc., no início da manhã, enquanto todos ainda estavam acobertados por pelagens no grande saguão do castelo, que Llewelyn, já acordado, fazendo o jejum de carne-seca de dragão, decidiu que aquele seria um bom dia para caça. Chamou os cães para junto de si.

— Don, Juno, Seren, Morwen, Dylan, Gelert! Venham, seus bolas-de-pelo fedorentos, é hora de encontrarmos algo para comer.

Eles vieram correndo como um tornado de pelos. Llewelyn fez a chamada:

— Don!

— AU-AU!

— Juno!

— AU!

— Seren!

— GRRR!

— Morwen!

— AUUU!

— Dylan!

— Presente!

O príncipe deu um olhar de reprovação.

— AU-AU!

Llewelyn mirou o cão, carrancudo, antes de continuar — Gelert!

Desta vez não houve resposta. Provavelmente ainda debaixo das cobertas, Llewelyn pensou, não deve estar interessado em coelhos; merece um descanso. Ansioso pela caça, o príncipe resolveu sair sem seu cão favorito. Acordou os homens a pontapés. Quando tudo estava pronto, partiram pelos portões do

castelo — que permanecia aberto, já que o inglês mais próximo estava a pelo menos 50 léguas de distância — e seguiram floresta adentro.

A caça foi boa, quatro coelhos, grande ensopado de domingo; dois corvos, uma pequena torta; e uma toupeira que daria uma bela tarde de chá e uma luva; a outra teria de esperar até que a próxima toupeira pudesse ser encontrada.

Na entrada do castelo, o grande cão Gelert veio pulando pelas escadas de pedra para receber seu dono. Quando se aproximou, Llewelyn percebeu que da mandíbula e dos dentes do cão pingava sangue.

— Mas o que é isso, Gelert?! O que aconteceu?

O cachorro, feliz em ver seu dono, apenas sorriu, do jeito que os cachorros fazem, mas com seus dentes ensanguentados, e balançou a cauda tão forte que sua traseira também balançava junto. Dócil, Gelert olhou para o dono com seus olhos grandes e amigáveis, com sua língua pendurada para fora e pingando sangue.

Llewelyn olhou para o topo das escadas e viu que a porta do berçário, onde seu filho dormia, estava aberta. Com um grito de horror, o príncipe venceu as escadas em quatro passos largos, chegou até a porta do berçário e olhou para dentro. O que viu fez seu sangue gelar. A sala era uma mistura de mobília revirada e sangue, havia sangue por toda a parte! Dafydd não estava em lugar algum.

— O que você fez, cão? O que você fez?

Em um ato de fúria cega, Llewelyn desembainhou a espada e com um movimento ágil a enterrou no peito de Gelert, seu fiel cão. O animal ganiu, mirou com seus olhos grandes e tristes o príncipe e desmoronou ao chão, morto.

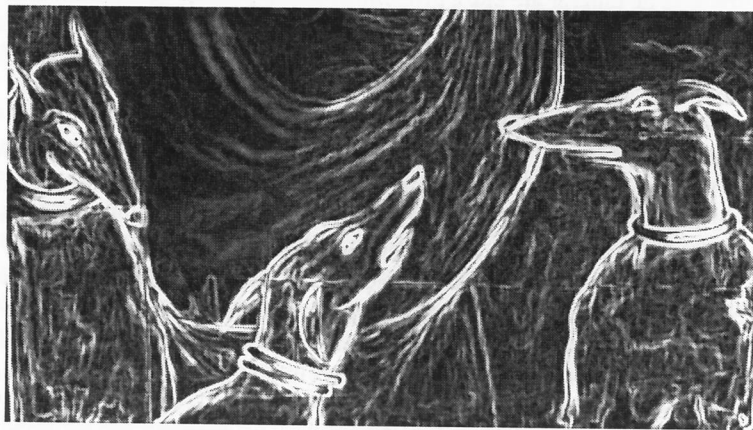
Ouviram-se um dos ruído quase inaudível, como um guincho, um pequeno choro, no canto da sala. Llewelyn olhou para além do corpo de seu cão favorito, e lá estava o berço do bebê, virado ao contrário com seus lençóis sujos de sangue espalhados em volta. Num instante, Llewelyn desvirou o berço.

Ali, sob o berço, estava o filho do príncipe, Dafydd, dormindo intacto, fazendo pequenos sons vindos de um sonho em que era amamentado. Ao lado do bebê estava o corpo de um grande e velho lobo negro e cinzento, sua traqueia destroçada, como que esmagada por um grande martelo, e seu pelo coberto por sangue dos ferimentos de mordidas feitas por um cachorro muito grande.

O príncipe Llewelyn nunca se recuperou da perda de Gelert, seu cão favorito, mas fez o melhor que pôde para preservar a memória de seu leal amigo. Confeccionou um lindo chapéu de pele, que não removeria nem mesmo nos dias mais quentes. O resto do corpo do cachorro foi enterrado com direito às honras de um bravo guerreiro.

Caro turista, enquanto você estiver viajando pelo País de Gales com seu carro alugado, reserve uma tarde para visitar a região noroeste do país. Dirija pelas graciosas curvas dos morros da Snowdonia — seja cuidadoso nessa parte. Lá, um pouco ao norte da cidade de Porthmadog, na A498, logo ao sul do cruzamento com a A4085, pare seu carro por um tempo no pequeno vilarejo

de Beddgelert e siga a pé o caminho através do campo; poucos metros adiante irá se deparar com uma pilha de pedras erguidas sobre um dos mais valentes cães da história, Bedd Gelert. Eis o Túmulo de Gelert.



Gwyn e o pote de ouro

*Tradução de Julia Karl
Schwinn
julia.schwinn@gmail.com*

As crianças estavam brincando na rua e chamaram Gwyn:

— Venha brincar conosco, Gwyn! Nós vamos jogar o Dewi no rio!

Mas Gwyn, o filho do moleiro, não foi com as outras crianças. Ele queria subir a colina em que, no dia anterior, tinha achado duas moedas de ouro gravadas com formas estranhas e fascinantes.

— São moedas encantadas! — disse sua mãe. — Teremos dez anos de azar se você trazer elas aqui — dez anos para cada moeda! Vou jogá-las no poço de Morgana. Ela é uma bruxa velha e merece isso!

Naquela mesma noite, a mãe de Gwyn saiu às escondidas de casa e levou as moedas, que tinha guardado debaixo de uma pedra. Ao chegar à casa da vizinha, a viúva Morgana, que era mãe de Dewi, jogou as moedas no poço.

Totalmente desapontado, Gwyn voltou à colina e começou a procurar mais moedas estranhas. Foi aí que viu um homenzinho engraçado vestido de amarelo e azul, com uma flor enorme em seu chapéu.

— Venha comigo, Gwyn. Vou mostrar onde você pode achar mais moedas de ouro! Venha, venha!

Um pouco nervoso, mas ansioso para ver as moedas, Gwyn seguiu o duende, que entrou numa caverna na encosta da colina.

Por dez longos anos Gwyn nunca mais foi visto na vila.

Um belo dia, a mãe de Gwyn, envelhecida e entristecida pelo sofrimento, abriu a porta da frente de casa e lá estava Gwyn na soleira! Ele não tinha envelhecido um dia sequer! Sua mãe gritou:

— Gwyn! Gwyn voltou! Ifan Miller! Gwyn voltou para nós!

O pai de Gwyn apareceu na porta.

— Mas é uma criança. Nosso Gwyn deveria estar com vinte anos! — disse.

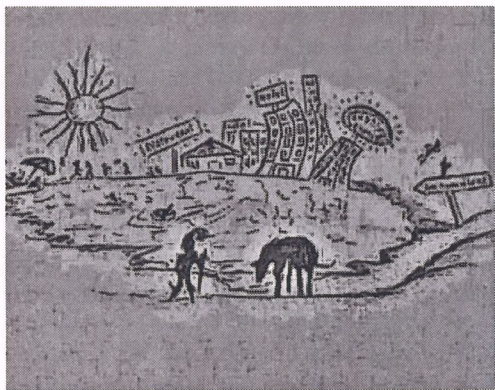
Beside this was a metallic pipe protruding about thirty inches from the ground with a tap attached to the end, a small hand written sign hung over it which said, "Meanwhile, drink this, it's good but it won't cure yer leprosy, sorry". Not to be discouraged, Sir Owain turned on the tap and lay down with his mouth open under a weak flow of brown suspiciously smelling water. He was so tired that he soon turned his head and was asleep. The great horse wandered off and found a pool of fresh rain water.

Sir Owain awoke with a tremendous pain on the top of his head and all his armour gurgling with water, there was an uncomfortable feeling in his tights of something slimy or sticky or both, squirming around his nether regions. Still on his back the knight found himself sliding slowly backward through thick mud. Thinking this may be some kind of Welsh Hades Sir Owain gave out a scream of terror and Fluffy immediately stopped dragging him and let go of his hair. After a great effort to sit up and remove the eel from his underclothing, Sir Owain saw that the entire valley was filled with water.

He heard voices and turned to see the entire population of the town, marching along a mountain path to see what had happened. The eight men, two women and the dog came to an abrupt stop when they saw the lake. One particularly observant citizen yelled, "Look! There's an enormous lake! And who is that beside the lake but Sir Owain the brave knight!"

The very embarrassed Sir Owain began to apologise when the leading member of the community interrupted and said, "Fear not good Sir Owain, we no longer have a magic spring but we have a magic lake! We'll make up some story about you forgetting to replace the stone and we'll call it 'The Lake of Owain's Stone', then we'll build a five star hotel on the site, open a water sports centre, soon that will attract more investors and we'll have more hotels, casinos, restaurants, bars, night clubs..."

Sir Owain walked quietly away leading Fluffy by the reins.



Prince Llewelyn's hunting dog

One of the greatest princes of Wales of all times was Llewelyn ab Iorwerth ab Owain, or Llewelyn Fawr, which means Llewelyn the Great; few monarchs have earned this appellation, Llewelyn shares it with Alexander of Macedonia, Charlemagne of the Franks and his own ancestor, Rhodri Mawr. Llewelyn was prince in the time when Princes of Wales were *Welsh*, and not English as they are today.

Our prince lived in a huge stone castle in the heart of The Land of Song, the army led by John Lackland of England had tried and failed several times to bring down the walls of Llewelyn's castle and the prince and his men had pursued the English all the way back to Offa's Dyke with their tails between their legs.

Llewelyn Fawr's wife was the beautiful lady Joanna, the daughter of aforementioned John, how she came about to be the Welsh prince's wife is a story that is told elsewhere, suffice to say that she denounced her nationality and turned her back on her nasty father, who was also known as Softsword, an allusion to his lack of prowess in battle (or perhaps the ladies named him that for other reasons we needn't go into here). Their first son, a baby of 3 months, was named Dafydd, the future prince.

In times of peace, when he wasn't chasing the English around the hills, Llewelyn liked very much to hunt. When he could, he and his men hunted wolves and dragons, but there wasn't much meat on a wolf in the winter and dragons were tough and sinewy and getting rarer and rarer each year; so they were content most of the time with rabbits and deer. Always accompanying the prince on his hunts were his hounds, Don, Juno, Seren, Morwen, Dylan and his favourite, Gelert. Gelert was an enormous hound of Irish breed, trained especially to hunt the largest beasts of the forest, he wasn't much content with rabbits and deer. Gelert, friendly and faithful, had saved the prince when the hunting party was

attacked by an enraged wild boar. The hound had leapt forward and caught the monster by its throat and crushed the boar's trachea before it could open the prince's belly with its razor tusks.

When the snow covered the hills in its soft white blanket and small furry creatures left their nests under trees only when they were extremely hungry in order to scratch the whiteness away to find insects, sticky grubby things or anything green; and when the wolves howled at the moon, competing with the wind, and became more and more courageous from hunger, Llewelyn and his companions and dogs liked to go into the forest to find anything soft and furry, kill it and make a barbecue and a fine coat or hat, depending on the size of the soft and furry creature. Occasionally, if he were feeling in a jolly mood, the prince would let the hounds rip the rest to pieces.

It was on such a day when the snow covered the hills in its soft white blanket, etc., etc., early morning when everyone was still under the furs in the great hall of the castle, Llewelyn was already awake and breaking his fast on salted dragon meat and decided that today would be a good day for a hunt. He called the dogs to him.



"Don, Juno, Seren, Morwen, Dylan, Gelert! Come on you stinky fur balls, it's time to go find something to eat."

They came running like a fur hurricane. Llewelyn called the roll:

"Don!"

"WOOF!"

"Juno!"

"ARF!"

"Seren!"

"WARF!"

"Morwen!"

"ROF!"

"Dylan!"

"Present!"

The prince looked up sharply.

"WOOF!"

Llewelyn frowned before continuing, "Gelert!"

This time there was no answer, probably still under the blankets, Llewelyn thought, not interested in rabbits, he deserves a rest. Anxious for the hunt, the prince resolved to go out without his favourite hound, he kicked his men out of their sleep and when all was ready they set off through the castle gates – wide open since the nearest Englishman was 50 leagues distant – and into the woods.

The hunt went well, four rabbits, big Sunday stew; two crows, a small pie; and a mole which would make a nice afternoon tea and one glove, the other would have to wait until another mole could be found.

At the entrance to the castle, the great dog Gelert came bounding down the stone stairs to greet his master. When he came closer, Llewelyn saw that the hound's jaws and teeth were dripping with blood.

"But what is this Gelert?! What has happened?"

The dog, happy to see its owner, just grinned like only dogs can, but with bloody teeth, and wagged its tail so hard its back end also went that way. Gelert looked at his master adoringly with big shiny friendly eyes, its tongue lolling out and dripping blood.

Llewelyn looked up to the top of the stairs to see the nursery door open, where his son slept. With a shout of horror, the prince took the stairs in four strides, he reached the nursery door and looked inside, what he saw made his blood freeze. The room was a mess of overturned furniture and blood, blood everywhere! Dafydd was nowhere to be seen.

"What have you done dog? What have you done?!"

In a blind rage, Llewelyn unsheathed his sword and in one swift movement sunk it into faithful Gelert's side. The dog whimpered, looked at the prince with big sad eyes and sank to the floor, dead.

There was the tiniest of squeaky sounds, a little cry, in the corner of the room. Llewelyn look up from the corpse of his favourite hound, there was the baby's cradle, overturned and bloody sheets spread around. In an instant, Llewelyn turned the cradle over.

There, under the cradle was the baby prince Dafydd, asleep and unharmed and making little noises in a dream of breast-milk. Beside the baby was the body of a huge old grey and black wolf, its trachea crushed as if from a mechanical iron vice and its fur matted with the blood of wounds of bites of a very large dog.

Prince Llewelyn never recovered well from the loss of his favourite hound Gelert, he did the best he could to preserve the memory of the faithful dog and made a beautiful fur hat that he never removed even on the hottest of days. The rest of the body of the dog was buried with full honours of a brave warrior.

Dear tourist, as you travel through Wales today in your rented car, take an afternoon to visit the north-west, drive around the gentle curves of the hills of Snowdonia, carefully now. There, a little north of the town of Porthmadog, on the A498, just south of the junction with the A4085, stop your car a while at the little village of Beddgelert, get out, follow the footpath across the meadow, after some yards you will come across a cairn of stones, erected above one of the bravest dogs in history. Bedd Gelert, the Grave of Gelert.

Gwin and the pot of gold

All the children were out playing and called to Gwyn,

"Come and play Gwyn, we're going to throw Dewi in the river!"

But Gwyn the miller's son didn't follow the other children, he wanted to climb the hill where, the previous day, he had found two golden coins on which were engraved strange and enchanting patterns.

"They are fairy coins!", his mam had said, "We'll have ten years of bad luck if you bring those things in here – for each coin! I'll throw them in Morgana's well, she's an old witch and deserves it!"

That same night, Gwyn's mam sneaked out of the house and taking the coins from under a stone where she'd left them, threw them into the well of the neighbour, widow Morgana, Dewi's mam.

Now, altogether disappointed, Gwyn returned to the hill and began to look for more of the strange coins. It was then he saw a funny little man in yellow and blue with a huge flower in his hat.

"Come with me Gwyn, I'll show you where you can find more gold coins! Come, come!"

A little nervous but anxious to see the coins Gwyn followed the elf into a cave in the side of the hill.

For ten long years nothing was seen of Gwyn in the village.

One fine day Gwyn's mam, old and sad with grief, opened the front door of the house, and there was Gwyn on the doorstep! Not a year older than the day he had disappeared! His mother called out.

"Gwyn! Gwyn's back! Ifan Miller! Gwyn's come back to us!"

Gwyn's father appeared at the door.

"But this is a child, our Gwyn must be about twenty years old now!" he said.

Gwyn, hardly recognizing his own mother and father answered.